A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NA CARTA DE SUICÍDIO DO EX-PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

https://doi.org/10.5281/zenodo.15566063

NOVAIS, Rosana Aparecida Bueno, Mestra*

* Faculdade de Tecnologia da Zona Leste
Av. Águia de Haia, 2983, Cidade A.E.Carvalho, São Paulo – SP,
CEP:03694-000
Fone: 11 2045-4000

rosananovais@itelefonica.com.br

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar a construção do ethos na carta de suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas, as marcas linguísticas do sujeito, as condições de produção em que se desenvolve a ação discursiva que justifique a ação do presidente e a construção de sua imagem como líder e mártir. Propõe-se ainda, verificar o implícito conotado pelo enunciado, e a junção entre o mesmo e o enunciador.

PALAVRAS-CHAVE: Ethos, condições de produção, enunciado, sujeito.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the building of Ethos in the Suicide letter of former President Getúlio Vargas, the linguistics traces of the subject , the production conditions which develop the discussion action that justify the President's action and the building of his image as leader and martir. Proposing still, to check the conceal showed by the statement and the joined between himself and the announcer.

***KEY-WORDS**: Ethos, production conditions, context, subject.*

INTRODUÇÃO

Os estudos voltados para a investigação da subjetividade da linguagem dedicam-se à pesquisa dos procedimentos linguísticos por meio dos quais os locutores imprimem sua marca no enunciado, se inscrevem na mensagem, implícita ou explicitamente, e se situam frente a ela.

A pesquisa está embasada nas teorias da análise do discurso, em especial no que se refere à enunciação e ao ethos. Consideraremos as contribuições de Maingueneau, Amossy, Eggs, e as características do discurso político de Charaudeau (2006).

A proposta desse trabalho é analisar a construção de ethos na carta de suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas, observar as marcas linguísticas que indiquem modos de instituição de um lugar discursivo que justifique a ação do presidente e legitime seu papel como líder e mártir. Verificaremos o implícito conotado pelo enunciado, e a junção entre o mesmo e o enunciador.

Logo, ao analisarmos o ethos da retórica de Vargas, observamos a importância atribuída ao papel dos sujeitos, a sua intenção manipuladora ou não, a autojustificação, a aprovação e o reconhecimento.

1 O ETHOS NA ANÁLISE DO DISCURSO

Em seus trabalhos sobre ethos, Amossy (2005) afirma que a construção de uma imagem de si no discurso não implica que o locutor tenha que fazer seu auto-retrato, detalhando suas qualidades. Contudo seu estilo, suas competências linguísticas, suas crenças irão construir uma representação de sua pessoa, logo o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Desse modo a eficácia da palavra, desenhará a imagem correta para que possa causar impacto e por sua vez adesão.

Assim, privilegiando o emprego do enunciado em situação e a força da palavra, as diferentes correntes da Análise do Discurso e da Pragmática hoje reencontram a Retórica definida como a arte de persuadir (AMOSSY, 2005).

Aristóteles defendia a construção do discurso ou da

argumentação fundamentada em três pilares: o logos, o pathos e o ethos. O logos diz respeito à argumentação racional propriamente dita; o pathos ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor; e o ethos indica o aspecto ético ou moral que o enunciador deixa perceber em seu discurso. O ethos é à imagem do orador, Aristóteles afirma que são três as virtudes que quem fala deve demonstrar para que alcance seus objetivos; ou seja, convencer a audiência de sua honestidade. Segundo Aristóteles: "Os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios, razoáveis e conscientes, (b) se são sinceros, honestos e equânimes e (c) se mostram solidariedade, obsequidade e amabilidade para com seus ouvintes".

Então, persuade-se pelo ethos quando se demonstra: serenidade e racionalidade, sinceridade e honestidade, e amabilidade. Aristóletes os nomeou de "phrónesis", "arete" e "eunóia", e são apresentadas por meio das escolhas efetuadas pelo orador: " ter ar ponderado" (phrónesis), "se apresentar como um homem simples e sincero"(arete) e " dar uma imagem agradável de si (eunóia). Para cada auditório é usado um tipo de ethos.

Conforme Eggs (2005), Phrónesis, a competência, o ar de quem tem "conhecimento aprofundado", confere ao orador o tom sereno que transmite confiança ao auditório.

Portanto, está relacionado ao logos, pois é mais racional acreditar em quem demonstra capacidade e sabedoria. Assim sendo, um orador que demonstre phrònesis persuadirá mais rápido, pois demonstrará além de conhecimento, honestidade e sinceridade.

Já, Areté, é a honestidade, a franqueza "como uma disposição que se mostra pelas escolhas deliberadas" (EGGS, 2005). Honestidade e franqueza se mostram, muitas vezes, pelo "ar viril (...) decidido, corajoso, desbocado" (FIORIN, 2001). Um orador com tais características diz o que pensa, é seguro de si, portanto, mais digno de confiança. Ele está ligado à ética, ao comportamento moral do orador.

Finalizando, a "eunóia". É o caráter solidário (EGGS, 2005), simpático, que não agride (FIORIN, 2001). É a amabilidade e a boa disposição para entender e ajudar o outro. Esse último item dispensa maiores explicações, já que se parte daquilo desejado pelo auditório, se lhe é simpático, não há, por assim dizer, convencimento por parte do orador.

Para Aristóteles, dentre os três pilares: logos, pathos e ethos, - o ethos é praticamente o mais importante. Além, desse sentido moral, o ethos adquire, também, na reflexão aristotélica, o sentido de adequação á idade e à classe social do locutor, na medida em que os temas e os estilos escolhidos devem ser de acordo com o tipo social do orador. Segundo Eggs (2005), a noção de ethos destaca duas dimensões, moral e estratégica. A 1ª apresenta a noção da honestidade e a 2ª fala de hábitos e costumes, de acordo com Aristóteles é a junção desses dois aspectos que permite convencer pelo discurso.

Eggs (2005) refere-se ao ethos através do termo grego epieíkeia, com o sentido de honestidade: "Diremos, portanto, que o orador que mostra em seu discurso um caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório". Desafiando a retórica clássica, Maingueneau (2004) adverte sobre o fato de que ethos está ligado à enunciação e não a um saber extra-discursivo em relação ao enunciador e, ainda, sobre esse fato remete a Barthes (1966, p.212):

> São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão. [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz : eu sou isto, eu sou aquilo. Dando sequência Maingueneau em seu desdobramento teórico a respeito de ethos: O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir "fisicamente" a um certo universo de sentido. O poder da persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de um corpo investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2004, p.73).

Nesse sentido e na linha do pensamento de Maingueneau (1989) o ethos configura-se como a voz do fiador ou o tom que o enunciador insere em seu texto com a finalidade, não apenas de persuadir, mas de aderir ao co-enunciador, propiciando, contrariamente, sua adesão ao logos apresentado. Portanto, com frequência somos tentados a recorrer a essa noção de ethos, pois ela dimensiona todo ato da enunciação.

Auchin (2001, p.93) apresenta suas considerações sobre a noção de ethos:

> A noção de ethos é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico claro (...) Em nossa prática ordinária da fala, o ethos responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidade serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser, relativas a uma zona íntima e pouco explorada de nossa relação com a linguagem, onde nossa identificação é tal que se acionam estratégias de proteção.

Assim sendo, há marcas textuais desse processo de edificação da imagem do enunciador via discurso, todas elas, necessariamente, partindo do pressuposto da existência de um outro a ser convencido, assumindo uma identificação com esse enunciatário, atribuindo-lhe caracteres e mobilizando-lhe as emoções. Sempre visando à convicção. Assim, o ethos é apresentado na junção do texto e do discurso, pois ele tem que ser demonstrado e não dito. Logo, é muito mais digno de confiança alguém que pareça ser honesto e sincero, por seus atos e comportamento, do que por simples declarações verbais.

1) Persuadir x Convencer:

Há uma distinção entre persuadir e convencer. Perelman e Tyteca (1999) afirmam que persuadir é mais importante que convencer quando o interesse está no resultado. Então, convencer ficaria para o segundo plano, pois ele é o primeiro passo em direção a ação. Persuadir, logo, é fazer (demonstrar), enquanto convencer é fazer crer.

Assim, alguém pode ser chantageado, e por isso persuadida a fazer algo que não concorde que é diferente do convencimento. Alguém é convencido que está sobrepeso, mas nem por isso é persuadido a fazer atividades físicas.

Segundo os autores, uma argumentação é dita persuasiva quando se presta a influenciar um auditório particular, e convincente quando visa a todo ser racional.

2) Auditório universal e auditório particular:

> Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção (PERELAMAN e TYTECA, 1996). Apesar de nosso estudo ser uma carta suicida esta afirmação está relacionada a proposta deste trabalho, logo, retornamos a afirmação de Amossy (2005) "todo ato de tomar a palavra indica a construção de uma imagem de si".

Entende-se que a construção da imagem de si, portanto do ethos, se origina das expectativas de quem fala em relação a seu auditório, mas também do comportamento demonstrado perante a audiência.

Perelman e Tyteca (1999, p.86) o definem como "o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação". Ao adaptar-se a um auditório particular, o orador correrá o risco de usar argumentos pertinentes diante dele, mas seriam inadequados diante de tantos outros. Dessa forma, como os argumentos que se adaptam a um número maior de auditórios são mais valorizados, o orador deve buscar o acordo do auditório universal, ou seja, a concordância de todos aqueles que, conhecem a motivação e a racionalidade dos argumentos, e que não se recusarão a aderir a tais ideias. Assim, Perelman e Tyteca (1999, p. 91) falam:

> Uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais ou históricas.

Neste caso, a empatia é alcançada quando há uma identificação do expectador com o discurso apresentado, com aquilo que parece lógico ao auditório (ainda que não seja verdadeiro). Porém, devemos nos lembrar que o conceito de "razão" é muito volúvel.

De acordo com o corpus a ser analisado neste trabalho,

afirmamos que sua eficácia assenta justamente na capacidade do autor de colocar-se no lugar de seu interlocutor, tentar advinhar-lhe as expectativas e correspondê-las, mesmo estando morto. Quanto a isto, dizem Perelman e Tyteca (1999, p.27), "é de fato, ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores." Por estar no lugar de seu interlocutor, é mister que o orador/autor , no nosso caso "autor" reconheça como deve (a) parecer. Essa imagem será decisiva para o sucesso ou fracasso na convicção (ou persuasão). O orador/autor imagina o que seu interlocutor espera ver, ou que imagem o seu interlocutor quer que ele tenha, tais considerações leva a concepção de que maneira ele próprio, orador/autor, vê de si mesmo.

2 ANÁLISE DO ETHOS NA CARTA DE SUICÍDIO DO EX-PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

Getúlio Dornelles Vargas (19/04/1882 a 24/08/1954) foi o presidente que mais tempo governou o Brasil, durante dois mandatos. De origem gaúcha (nasceu na cidade de São Borja), Vargas foi presidente do Brasil entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Em 1937, fechou o Congresso e implantou uma ditadura que foi chamada de Estado Novo. No período ditatorial – que coincidiu em parte com os regimes de Hitler, Mussolini, Franco e Salazar –, deu continuidade à estruturação de um Estado nacionalista e intervencionista. Getúlio Vargas adotou o populismo como uma das características do seu governo, apelidado de "pai dos pobres", o promoveu com manifestações e discursos populares, principalmente no Dia do Trabalho (1º de maio). Não respeitou a liberdade de expressão e a democracia no país. Usou a propaganda para divulgar suas ações de governo.

Em agosto de 1954, Vargas suicidou-se no Palácio do Catete com um tiro no peito. Deixou uma carta testamento com uma frase que entrou para a história: "Deixo a vida para entrar na História." Até hoje o suicídio de Vargas gera polêmicas. O que sabemos é que seus últimos dias de governo foram marcados por forte pressão política por

parte da imprensa e dos militares. A situação econômica do país não era positiva, o que gerava muito descontentamento entre a população.

Numa "carta" escrita em primeira pessoa do singular é bastante claro que a subjetividade é um traço determinante. As impressões do autor, suas opiniões e sua "verdade" estarão ali representadas. A carta de Getúlio Vargas é endereçada à População, que é conhecedora de seu ethos, ele busca o reconhecimento, por parte deles.

O que se vê é um enunciador que, num tom confessional, fala ao seu interlocutor como quem justifica algo, e faz comentários desagradáveis à conduta do sistema governamental. Ele é um enunciador que assume tudo suportar em silêncio, as agressões constantes, incessantes, renunciando-se para defender o povo, dando o seu próprio sangue, oferecendo sua vida como holocausto para que o povo possa continuar resistindo e lutando contra as "forças.".

É, contudo, um cidadão diferenciado, pois alcançou a "imortalidade". Segundo Charaudeau (2006), a palavra política funciona entre uma verdade do dizer e uma verdade do fazer: uma verdade da ação que se manifesta através de uma palavra de decisão, e uma verdade da discussão que se manifesta através de uma palavra de persuasão (razão) ou sedução (paixão). Para Charaudeau, o discurso político funciona na conjunção de discursos de ideias e discursos de poder (verdade e possibilidade), pensamento e ação. Assim, o discurso político teria tendência a se orientar do logos em direção ao ethos e ao pathos (conteúdo e encenação).

> Ainda neste mesmo pensamento, a persuasão conduzirá a um "mentir verdadeiro" como estratégia de sedução (A mentira na cena Pública): todo político sabe que lhe é impossível dizer tudo, a todo o momento, e dizer as coisas exatamente como ele as pensa ou concebe, pois suas palavras não devem atrapalhar sua ação (CHARAUDEAU, 2006, p.104-105).

No corpus analisado podemos observar claramente o que diz Charaudeau (2006, p.110):

> Trata-se de uma crença em uma nova relação entre as instâncias política e cidadã, na qual a máscara é assumida como tal: nova relação entre o político (fundamento das idealidades) e a política (prática de ajustamento às idealidades), onde a ética política seja baseada em um ethos de exemplaridade, na relação de confiança entre instâncias, na escuta entre mandatários e eleitores.

Getúlio Vargas precisava corporar-se como um elemento constitutivo da história que o projetou. Centrou-se no ethos já constituído do presidente como um cidadão digno e honesto, já que ao longo dos anos, construiu sua imagem sob os alicerces da honestidade, retidão de princípios, o pai dos pobres e, assim, projetou uma imagem muito sólida sobre si. Presencia-se a demonstração de seu caráter, o de homem simples e honesto (areté), como explicado anteriormente. Assim, ressalta Tringali:

> Não basta, ao orador cuidar da própria imagem durante o discurso, apresentar-se ora humilde, ora austero, ora tranquilo, ora autoritário... O que realmente conta é a imagem do orador que deriva de toda sua vida moral. Há uma ligação profunda entre a vida e o discurso que, por sua vez, reflete a vida do orador. Sem uma vida honrada, o discurso não persuade (TRINGALI, 1988, p.76).

Nesse aspecto, o ethos projetado pelo ex-presidente assomava como vantagem argumentativa. Getúlio enfatizava as preocupações do homem-presidente: aquele que demonstra uma revolta com o sistema governamental e suas consequências que afetariam o povo brasileiro, pelo qual ele teria lutado incessantemente para defendê-lo.

> Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação para que eu continue a defender como sempre defendi o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. {...} Iniciei o trabalho de libertação e instarei um regime de liberdade social. Tive que renunciar.

Nesse trecho o ethos apresentado pelo enunciador, é o fundamento da construção discursiva de uma imagem populista. Segundo Dorna (2003, p.25), "o chamado populista se dirige a todo o povo, a todos aqueles que suportam em silêncio as injustiças e a miséria".

Neste chamado há a invocação a grandes ações coletivas e a valores compartilhados. "Aí reside sua força emocional e componente racional".

Observa-se também, um enunciador que afirma saber o risco de assumir frontalmente seu ato, mas, ainda assim, duramente o faz. É o ethos discursivo se inscrevendo na franqueza da assunção do risco. A imagem construída pretendia comover pelo uso da hipotipose, que, nas palavras de Reboul (2004, p.249), "consiste em descrever um acontecimento de modo tão vivo que o auditório acredita tê-lo diante dos olhos". Ela se configurou mais ainda quando Getúlio revelou "Nada mais posso dar a não ser o meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugar o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida".

Ele valeu-se de argumentos éticos e patéticos em toda sua carta. Segundo Tringali (1988, p. 77), os argumentos éticos despertam a imagens do orador nos ouvintes através de sentimentos fracos, enquanto os patéticos tentam persuadir, comovendo por meio de emoções e suscitam paixões nos ouvintes.

Getúlio demonstra conhecimento de que para ter total apoio e compreensão de seu ato a um auditório universal, seria preciso apelar

aos sentimentos. Não bastava a simples apresentação das provas e das razões. Por isso, observa-se que sua carta é feita em linguagem culta, mas simples, contava com a eloquência natural do "orador" como um fator altamente persuasivo.

Assim, o ethos se consolidou e foi moldurado na medida em que o ex-presidente se mostrava indignado com a corrupção, que o fez tomar tal atitude. "Lutei contra a espoliação do Brasil, Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia, não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte."

Dessa forma, o ethos demonstrou uma consciência ética universal, de um caráter idôneo, um ser humano exemplar, íntegro e confiável. Na verdade, ele pretendia atingir um auditório universal, não só o particular (composto pelos brasileiros).

Quando me refiro a universal, é que Getúlio se projetou na imagem de "Jesus Cristo", oferecendo sua vida e agora sua morte em favor do povo, essa imagem o faria entrar para a história mundialmente.

O ethos é também consolidado quando ele diz: "quando vos vilipendiarem sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu sangue será a vossa bandeira de luta. Cada gota do meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência."

Além disso, é criado um pathos de confiança e esperança.

Assim, deixando o ethos em segundo plano Getúlio utiliza um apelo retórico muito eficaz para provocar o pathos: "Mas esse povo de quem fui escravo, não será mais escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate." Dessa maneira, o ex-presidente se insere no lugar comum da sinceridade que é retoricamente construído para provocar pathos: confiança e esperança no auditório, como já haviam citado.

Além disso, o ethos é reforçado, pois o ex-presidente é um cidadão que tem amor pelo seu povo, a ponto de dar a sua própria vida em favor da liberdade. O acordo aparece na utilização do argumento pelo sacrifício, holocausto ao ressaltar-lhe como guerreiro, herói (o salvador da pátria).

Sua coragem, também é evidenciada, quando sinalizou um enfrentamento com grupos internacionais: "Depois de decênios de

esfoliações de grupos econômico-financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei um regime de liberdade social". Logo, o trecho demonstra a coragem que se espera de um presidente para defender o seu país em pontos delicados da política externa. Percebe-se no conteúdo de sua carta que o intuito do presidente era provocar as paixões e as emoções a fim de justificar o seu ato heroico, buscava adeptos, a cumplicidade e a confiança do povo brasileiro.

E mais uma vez, o ex-presidente utiliza-se de seu ethos altivo e determinado para depositar esperança e coragem ao povo: "Quando vos humilharem sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentíreis em vosso peito a energia para a luta, por vós e por vossos filhos."

Ao finalizar, Vargas declara "Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história." Voltando ao "eu" que se manifesta na 1ª pessoa do singular, assim como o faz desde o inicio, o presidente reveste-se de uma aura de mártir, uma espécie de interlocutor de Deus à semelhança de Jesus Cristo e, como ele, humilde, dá-se em sacrifício à salvação do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação da carta de suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas permite delinear as características que contribuem para a constituição de seu ethos. Verifica-se que, em função do contexto em que se desenvolve a ação discursiva e por meio da seleção de argumentos que apelam, sobretudo, a emoção e a paixão, o autor constrói uma imagem de si que, pautada no ethos, atribui-lhe características como credibilidade, seriedade, humildade e finalmente a martirização "a doação da própria vida para a salvação do povo, para o povo e pelo povo" e dessa forma, contribuem para que haja a adesão e compreensão do auditório para com seu ato heroico.

Vargas construiu em seus mandatos uma imagem de si fundamental à sua transformação em figura pública de admirável

respeito e considerado por seus contemporâneos (e ainda hoje) como grande estadista e "pai dos pobres"; assim, o próprio contexto histórico em que essa carta foi escrita evidencia o quanto o discurso é responsável pelo sucesso das medidas políticas.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. O Ethos na Intersecção das Disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos. In: AMOSSY, Ruth (org). Imagens de si no Dircurso: a Construção do Ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. "arte Retórica e Arte Poética". Rio de janeiro: Ediouro, 17 ed., 2005.

BARTHES, Roland, 1966. L'ancienne rhétorique. In: Communications, 1966, p.202-215. (Links)

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso Político. São Paulo: Contexto, 2006.

EGGS, Ekkhard. Ethos Aristotélico, Convicção e Pragmática Moderna. In: AMOSSY, Ruth (org.). Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos. São Paulo: Contexto. p.29-56, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Getúlio Vargas – Uma memória em disputa. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC / FGV – www.cpdoc.fgv.br.

FIORIN, José Luiz. 1º CELING, Uerj, palestra, 2001.

KALENA. Publicado no Recanto das letras em 27/11/2008. Código do texto. T1305625.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas: Fontes&Editora da UNICAMP, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. 2004. Análise de textos de Comunicação, São Paulo: Cortez.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado de Argumentação – A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TRINGALI, Dante. Introdução á retórica. São Paulo: Duas Cidades, 1988.